

Democracia à margem das negociações

O Jornal 25/4/91

Corram bem ou mal as conversações de Roma, o regime já está a mudar

Victoria Brittain

REPRESENTANTES do governo de Moçambique e da Renamo iniciam amanhã, sexta-feira, em Roma, a quinta ronda de conversações, após 13 anos de guerra que fizeram daquele país o mais pobre do mundo.

As negociações decorrerão numa altura em que o governo angolano e a UNITA discutem em Lisboa o cessar-fogo e o ANC está à beira de romper negociações com o poder branco sul-africano.

Há uma década, Pretória escolheu o confronto com os novos países independentes, os regimes marxistas de

Angola e Moçambique, provocando a sua desestabilização militar e económica. Uma estimativa de há dois anos calculava em 60 bilhões de dólares os prejuízos causados por essa acção e, apesar dos processos negociais entretanto abertos, a destruição continua.

Pretória sempre quis a Frelimo, em Moçambique, e o MPLA, em Angola, — com o seu apoio ao ANC — substituídos por regimes abertos a relações económicas com a África do Sul.

Caminho comum

As duas guerras e os dois processos de paz partilham um caminho comum. Mas tudo o que acontece em Angola, com os seus importantíssimos re-

ursos petrolíferos, tem um interesse muito maior para os Estados Unidos. Washington ainda fornece ajuda militar à Unita e o seu líder, Jonas Savimbi, é recebido na Casa Branca enquanto o governo angolano permanece irreconhecido.

Até ao início do processo de paz em Moçambique, com a assinatura do acordo de não-agressão com a África do Sul, em Nkomati, em 1984, era claro que nenhuma aproxima-

ção ano e, provavelmente dentro de 18 meses, elas decorrerão também em Angola. Em Moçambique, onde as reformas estão mais avançadas, os partidos, associações e organizações não-governamentais disputam apoios e, mais importante ainda, fundos estrangeiros. A economia depende em 90 por cento do auxílio externo.

O papel do partido e do Estado moçambicano sofreram fortes alterações em re-

elas pedidos para negociar com a Renamo e pôr termo à guerra.

O pluralismo e o multipartidarismo cresceram, no entanto, à margem deste processo, garantem os governantes. Ninguém duvida que há o risco real de a Frelimo perder as eleições.

O exemplo que toda a gente em Moçambique dá é o da Nicarágua, onde, acreditam, os eleitores votaram a contento do EUA, para que Washington não apoiasse mais a guerra.

A excepção

Aqui a excepção parece ser Chissano. Mesmo para os mais desiludidos, seja qual for o resultado de umas eleições multipartidárias, é inconcebível que ele possa ser afastado da presidência.

Mas os negociadores da Frelimo em Roma estarão mais preocupados com a população e os seus sofrimentos ao longo destes 13 anos de independência, do que com as estraté-

gias regionais. A fome e a miséria em Moçambique pesam muito mais do que os interesses políticos.

No passado dia 11, três camiões com auxílio destinado às vítimas da fome e da guerra na região de Murrupula, província de Nampula, foram assaltados pela população e por soldados e milícias do exército governamental. O assalto, que se revestiu de grande agressividade, segundo o jornal moçambicano «Notícias», obrigou os funcionários do Departamento Provincial de Combate às Calamidades Naturais (que faziam o transporte) a abandonarem o local.

«The Guardian»/
«O Jornal»



Joaquim Chissano
Afastamento considerado inconcebível

ção seria alcançada com Angola.

Na guerra em Moçambique nunca foram utilizados os sofisticados meios de combate que conhecemos em Angola e o líder dos rebeldes moçambicanos não tem o carisma de Savimbi, capaz de atrair apoios internacionais.

«A Renamo não é uma organização política ou patriótica com quem nós possamos realmente discutir o futuro e as necessidades do país.

Continua a ser o mesmo grupo limitado de pessoas, interessadas em dinheiro e não em política», afirmou-nos um oficial superior moçambicano.

À margem das negociações, o acto eleitoral em Moçambique está previsto para o próxi-

mo ano e, provavelmente dentro de 18 meses, elas decorrerão também em Angola. Em Moçambique, onde as reformas estão mais avançadas, os partidos, associações e organizações não-governamentais disputam apoios e, mais importante ainda, fundos estrangeiros. A economia depende em 90 por cento do auxílio externo.

O papel do partido e do Estado moçambicano sofreram fortes alterações em resultado da dependência do estrangeiro. A privatização de áreas-chave da economia e dos circuitos de distribuição são a principal prova disso. Histórias de corrupção nos serviços militares e secretos abalaram o apoio da Frelimo nos centros urbanos. Nos meios rurais, no entanto, o prestígio do partido no poder mantém-se e a recente ordem para que os dirigentes locais intensifiquem o seu trabalho com os chefes tradicionais foi muito apreciada. Esse velhos representantes do povo tinham sido marginalizados, mas o Congresso da Frelimo, em 1989, marcou uma viragem no caminho democratização.

O presidente Joaquim Chissano visitou vastas áreas do país e escutou por todas